



**JUVENTUDE ENTRE A ESCOLA E O MERCADO DE TRABALHO:
o suor de meu trabalho é o impedimento de minha formação escolar**

Maria Luana de Medeiros Santos*

Marion Machado Cunha**

RESUMO

A pesquisa problematiza os jovens trabalhadores-estudantes do ensino médio noturno de uma escola pública da cidade de Sinop - MT. Valeu-se da pesquisa qualitativa sob a perspectiva dialético-histórica do marxismo. Aplicaram-se questionários para quatorze jovens com a faixa etária de 17 a 26 anos de idade e, destes, quatro foram entrevistados com um roteiro de entrevista semiestruturada. A realidade investigada revela mais do que dificuldades de permanência na escola, ela explicita o papel silencioso de uma escola reprodutora das relações do capital. A escola se torna mediadora do mercado de trabalho, imprimindo a concorrência e competição para diminuir custos com a força de trabalho dos jovens.

Palavras-chave: Educação. Juventude. Trabalho. Jovens. Marx.

1 INTRODUÇÃO

Neste estudo temos como principal proposta temática a juventude, dentre suas interfaces entre a escola e o mundo do trabalho. Propomos-nos compreender a situação vivida por esses jovens trabalhadores / estudantes e como esses são afetados pela condição social em que se encontram, bem como as múltiplas dificuldades que perpassam na condição de trabalhadores assalariados. Entendemos que o capital como uma relação socioeconômica se impõe como

* Acadêmica do 7º Semestre do Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem da UNEMAT - *Campus* Universitário de Sinop.

** Graduado em História pela Faculdade de Filosofia de Ciências e Letras Imaculada Conceição, Santa Maria, RS. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutor pela Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor concursado em Metodologia Científica, do *Campus* Universitário de Sinop.

negação destes sujeitos porque lhe importa apenas potencializá-los a sua reprodução na dinâmica da mercadoria. Não é por acaso, que suas vidas são permeadas pela negação de seus direitos, de uma luta constante pelo mínimo de dignidade, pelas precárias de formação escolar, da combinação tempo de escola e tempo de trabalho em que este último se sobrepõe ao primeiro. Em outras palavras, suas vidas são atravessadas pela força de uma estrutura de violência e exploração, um aparente ciclo de poucas esperanças, de poucas condições materiais: um aparente ciclo de miséria.

Diante dessas orientações que surgiu a proposição de analisar as vivências dos jovens Sinop - MT, de diferentes ângulos da sociedade que os permeia e a mediação que a escola promove com o mercado de trabalho.

O que se pretendia inicialmente com este estudo foi conhecer as relações produzidas entre o trabalho e educação na vida da juventude que tem de vender sua força de trabalho e compreender as condições de vida desses sujeitos. Isso levou a analisar quais as condições educacionais oferecidas a eles, como se deu a inserção no mercado de trabalho e quais as perspectivas desses jovens ao futuro tanto profissional quanto nos estudos.

A escola campo desta pesquisa esta situada em um bairro popular de Sinop e atende jovens moradores do mesmo bairro e de suas proximidades. Desta escola foi escolhida uma turma do 3º ano do Ensino Médio Regular noturno, nesse primeiro momento, foi feito um reconhecimento da turma e a aplicação de um questionário que daria abertura para a continuidade da pesquisa. As técnicas utilizadas para a coleta de informações foram a observação participante, a aplicação de questionários, as entrevistas gravadas e diário de campo. Iniciamos a coleta de dados em agosto de 2012 e finalizamos em fevereiro de 2013.

Os sujeitos que contribuíram para a realização desses estudos foram quatorze jovens com a faixa etária de 17 a 26 anos de idade, sendo seis do sexo feminino e oito do sexo masculino. São jovens estudantes do Ensino Médio Regular que estudam e sempre estudaram em escola pública. A maioria desses com idade avançada para este período de escolarização.

2 JUVENTUDE: relações entre o trabalho e a educação

2.1 JUVENTUDE OU JUVENTUDES

A categoria social juventude é pauta de inúmeras controversas, pois, segundo Alves (2007), há os que a considera que ela tenha sempre existido por se tratar de uma idade de vida e os que acreditam que ela, a categoria juventude, foi construída socialmente, e colocada em

evidencia, na modernidade. Há os que a associa a juventudes a problemas, como delinquência, comportamento de risco e marginalidade; e os que a consideram como possibilidade para novo e transformação social.

A juventude representa uma faixa etária entre 15 e 24 anos de idade, caracterizada, portanto como o período de transição para a vida adulta, período este em que o indivíduo tende tomar decisões e assumir um posicionamento dentro da estrutura familiar e social.

Contudo, podemos evidenciar a categoria juventude também como um período de medos, dúvida e incertezas. Isso pelo fato de que, neste período da vida são impostos aos jovens as soluções de inúmeros dilemas, tanto no campo individual, quanto no campo social: é o período em que se tenta tomar decisões. Decisões de ordem como: continuar morando com os pais ou morar sozinho, constituir ou não constituir família, estudar ou trabalhar. Além destes e outros dilemas: tomar uma proporção ainda maior quando tratamos de ‘filhos de trabalhadores assalariados’, pois estes desde muito cedo são forçados a vender sua força de trabalho para garantir a própria sobrevivência e a de seus familiares.

Contudo a categoria juventude se distribui em diversos contextos sociais e em diversas condições socioculturais, em que alguns autores como Frigotto (2004), Brito (2006) e outros, empregam a essa categoria o termo juventudes. Isso porque dentro da pluralidade socioculturais do termo em que se apresentam diferentes grupos de jovens, que apresentam diferentes estilos de vida, de gostos, gestos, vocabulários e vestimenta.

Concordamos com Brito (2006, p. 13) quando diz que é possível perceber que existem,

[...] condições juvenis diferenciadas, apesar de os jovens conviverem num mesmo tempo e no mesmo espaço social. Entre os jovens brasileiros, há diferença em decorrência da pertença a certa classe social, das relações de gênero, de estilos de vida, de locais onde se habita, das culturas, entre tantas outras diferenças. Isso me leva a pensar que o termo (juventude/jovem) por si fica vazio de significações, haja vista o caráter multidisciplinar, multicausal que compõe o conceito, decorrente da diversidade do contexto sócio-histórico e cultural em que está(ão) inserida(s) a(s) juventude(s).

Frigotto (2004, p.01) salienta que, “[...] os sujeitos jovens (ou as juventudes) teimam em ser uma unidade dentro do diverso mundo econômico, cultural, étnico, de gênero, de religião, etc”. É praticamente impossível falarmos em jovens sem lembrarmos das importantes participações deste em participações em movimentos sociais. Como os movimentos do século XX, em que lutaram pela conquista dos sujeitos pelos seus direitos sociais e civil, o direito de participação política, (nos remetemos ao ano de 1984, em que os jovens foram as ruas pedir a volta das eleições diretas, o que representaria a queda do regime militar, e logo depois voltaram as ruas de caras pintadas para pedir o impeachment de Fernando Collor, primeiro

presidente com o rosto direto em 1989). Os jovens participaram também na luta pelos direitos iguais as diferentes categorias sociais, como negros, mulheres e etc. Como podemos ver os jovens tem um importante papel diante das transformações que ocorreram e podem ocorrer na sociedade brasileira.

2.2 TRABALHO *VERSUS* EDUCAÇÃO

A categoria trabalho é historicamente construída, modificada e permanente, “[...] os sentidos e significados do trabalho resultam e constituem-se como parte das relações sociais em diferentes épocas históricas e um ponto central da batalha das ideias na luta contra-hegemônica à ideologia e à cultura burguesa” (FRIGOTTO, 2005, p. 169).

No decorrer da história a categoria trabalho assume formas “[...] o trabalho alienado sob o capital servil, a escrava e a assalariada” (FRIGOTTO, 2005, p.189). E sendo assim, o trabalho assalariado consiste em uma relação entre o vendedor da força de trabalho, que a troca por salário, com o dono dos meios de produção, para extrair o tempo de trabalho excedente, ou seja, a mais valia. Como destaca Cunha (2010, p. 34):

O capital desde sua gênese só pode reproduzir-se violentando e explorando o trabalhador. E mais: em seu processo, destituir a vida de todo o seu significado social e coletivo, para a qual a mercadoria, e a especial mercadoria força de trabalho se instituem inevitavelmente.

Na visão marxista o trabalho é a ação do homem no processo de transformar da natureza. Esse mesmo homem, ao modificá-la, também se modifica. E a categoria trabalho é também fundante do processo de sociabilidade dos homens.

Diante deste cenário podemos classificar a juventude em duas tendências. As dos filhos da classe dominante que se mantêm em uma situação favorável, por serem de origem socialmente privilegiada, e, portanto tendem ‘a ter mais tempo livre’ para o lazer, estudos, em outras palavras, um tempo livre (de não trabalho) que permite a preparação para vida e para fazer suas escolhas. Deste modo, os filhos dos possuidores do poder são, em sua maioria, os que assumem profissões de destaque e melhor remuneração dentro do mercado de trabalho. Em contra partida, os filhos dos ‘trabalhadores assalariados’ que tem direitos negados, como educação de qualidade e tempo livre para os estudos, pois estes precocemente se voltam para o mercado de trabalho, experienciado as condições adversas de reproduzirem a vida sob a ‘labuta’ do capital nos postos de trabalho, principalmente, os que se organizam com base no trabalho manual e de pouca remuneração. E não dispondo de tempo, esses tente a conciliar o

trabalho com os estudos. Na maioria dos casos, são submetidos a trabalhos temporários, informais e com má remuneração.

Embora se tenha criado inúmeras políticas públicas em especial no campo educacional a fim de preparar os jovens para o mercado de trabalho, e, isso, porque é preciso que se invista em educação em prol do acúmulo de ‘capital humano’ pelos jovens. Mas este ‘preparar’ se desenvolve a partir da desqualificação (KUENZER, 1995), a fim de desenvolver apenas habilidades técnicas. Isso porque a educação está subordinada ao capital, e não é de interesse desse que o trabalhador desenvolva capacidades intelectual e criativa, bastando somente que se desenvolva a mecanização, para que esse seja mais facilmente ‘moldado’ para aceitar sua vida ‘predestinada’ enquanto vendedor da força de trabalho. A princípio que a educação escolar desde sua origem esta restritamente voltada atender aos interesses dos possuidores da classe dominante. E que só a partir da Revolução Industrial ela se volta aos trabalhadores a fim de prepará-los para o mercado de trabalho.

É importante destacarmos que, desde a década de 1990 houve expansão do ensino escolar, na mesma medida, associada a um desmonte da escola pública, atrelada ao mercado de trabalho, sob ‘termômetro’ da produtividade. O ensino público sofre os efeitos de movimento de uma expansão, freando o acesso ao conhecimento acumulado, de diversos impedimentos aos trabalhadores, já que na sociedade vigente, é nela que se encontram os trabalhadores e seus filhos. A precarização da escola pública, seu desmonte, está direta e indiretamente ligada à desigualdade das classes sociais e às relações socioeconômicas vigentes.

Como podemos observar à escola assume a funções de modernizadora, como sendo capaz de dar ‘mobilidade social’ e diminuir a desigualdade social e econômica. Apoiando-se na concepção de que o investimento na educação escolar potencializaria maior produtividade e retorno de capital. Essa concepção apoiava-se na teoria do capital humano da década de 1950 que defendia como observou Frigotto (1989, p.136), em seu livro a produtividade da escola improdutiva, de que a “[...] educação e o treinamento potenci[v]am trabalho e, enquanto tal constitui[a]-se num investimento social ou individual igual ou superior ao capital físico.” Está diante de um novo momento da história do capitalismo, de reestruturação produtiva, de uma re-organização do trabalho, em que a escola está cada vez mais ‘comprimida’ para atender a produtividade do tempo da mercadoria.

Portanto podemos dizer que a educação se configura em formato dualista, onde aos filhos da classe dirigente a educação se configura no campo de educação geral. E quanto a formação dos ‘filhos de trabalhadores assalariados’ a educação se configura de forma

tecnicista e operacional. E esta configuração torna-se ainda mais explícita no Ensino Médio quando grande parte dos jovens da classe trabalhadora tende conciliar trabalho com os estudos. Já que estes jovens durante o dia vendem sua força de trabalho e durante a noite estudam.

3 QUE ESCOLA PARA QUE TRABALHADOR

Pesquisa realizada com jovens estudantes do 3º do Ensino Médio, de uma escola estadual em Sinop. Esta escola tem com finalidade atender estudantes do Ensino Fundamental e Ensino Médio. A escola está situada em um bairro popular da cidade, e tem como público morador do bairro onde ela está situada e moradores de bairros próximos a ela, que também podem ser considerados populares. É importante explicitar que os jovens, sujeitos deste estudo, possuem o mesmo cotidiano peculiar: são estudantes que persistem nos estudos, embora estejam inseridos em condições precárias de trabalho exaustivo.

É importante lembramos também que a escola campo deste estudo é considerada como ‘escola modelo’, em especial por sua estrutura física. No entanto, o que podemos esperar de uma ‘escola modelo’ em uma cidade onde a educação se origina de forma improvida, organizada pelo colonizador, onde até mesmo o professor se torna obra do acaso (CUNHA, 2010), ou seja, a escola do colonizador.

(01) Rubi: A sala de informática não ajuda, tem uma internet muito lenta, e não tem horário para fazer pesquisa. O único lugar onde podemos contar é a biblioteca que tem 2 computadores e os livros.

Como nos ressalta Manacorda (2007), somente as classe possuidoras conhecem a escola como lugar de educação, enquanto que as classes produtivas não a conhecem, pois a essa é reservada uma escola desinteressada. Mesmo diante algumas mudanças à escola pública no Brasil ainda vivencia condições precárias, como: falta de recursos materiais e humano, diferenciando-se do patamar das escolas privadas. No entanto, o que vemos é uma escola tecnicista, voltada aos interesses do capital reduzido a formação de “[...] um cidadão-produtivo explorado, obediente, despolitizado e que faça bem feito o que mercado determina” (FRIGOTTO, 2004, p.212-213). Não é de interesse do capital formar sujeitos autônomos e críticos, é de interesse que, esses sujeitos, sejam cada vez mais estranhos ao processo da vida

e suas múltiplas relações, a fim de que possa ter um maior domínio sobre eles e se reproduzam na medida da força de trabalho.

Do universo pesquisado, 100% dos estudantes sempre estudaram em escola pública. E 98% dos jovens estudantes são trabalhadores. Como a pesquisa nos demonstra praticamente 100% desses ingressaram no mercado de trabalho assalariado antes mesmo de terem a idade permitida por lei, ou seja, antes dos dezesseis anos de idade.

(02) Esmeralda: Com 13 anos eu comecei a trabalhar e fazia tudo em casa para ajudar a minha avó.

Pelos relatos se apreende a falta de condições financeiras e “dificuldade” de manutenção da vida, impondo o ingresso precoce no mundo do trabalho, devido à necessidade de ajudarem na renda familiar. A pesquisa também, nos revela que 80% dos pais ou responsáveis desses jovens são analfabetos e que apenas uns 15% possuem o Ensino Fundamental e 5% o Ensino Médio. E nenhum desses pais ou responsáveis concluem ou concluíram o Ensino Superior. Como podemos sublinhar, na maioria dos casos, em nosso sistema educacional brasileiro, são os filhos, de pais escolarizados e de uma razoável renda, que conseguem ter acesso ao diploma de ensino superior, pois esses dispunham de tempo para se dedicarem aos estudos.

4 O LIMITE DA ESCOLA OU DESAFIO A VIDA DO TRABALHADOR

Como nos sublinha Manacorda (2007), a escola nasce para atender exclusivamente aos interesses das classes possuidoras, ela, a escola, só a partir da Revolução Industrial passa a ser de toda a sociedade. Isso devido ao grande processo de industrialização em que o mundo se encontrava, e com isso surge à necessidade de aumentar o nível educacional da população em todo o mundo.

No Brasil se propaga o ensino noturno. Surge como ‘oportunidade educacional’ (HICKMANN, 1992), oferecida aos que precisavam trabalhar e não tinha como frequentar a escola durante o dia. E “a educação aparece como um benefício social e como mecanismo de mobilidade social, reforçando o mito do vencer na vida, muito bem propagado pelo ideário burguês” (HICKMANN, 1992, p. 39). Durante a pesquisa podemos constatar que os jovens pesquisados, são ‘estudantes-assalariados-noturno’, e tem como desafio conciliar a escola com o trabalho.

Esse conjunto aparente mascara o papel determinante da educação institucionalizada que empurram os trabalhadores a legitimação dos interesses dominantes e reprodução desigual da sociedade. Como aqui já sublinhamos os jovens, estudante-assalariado-noturno, não dispendo de tempo para desenvolver suas atividades escolares extra classe, acabam por não realizar ou as realiza em horários de descanso, tendo o tempo de lazer privado.

(01) Diamante: Atrapalha sim. Eu faço meus trabalhos, no final de semana. Estudo mesmo só na escola. Não tem tempo de estudar durante a semana. Só se estudar de madrugada, mas de madrugada tem que descansar [risos].

As exaustivas cargas horárias de trabalho em período de escolarização, além de não permitirem que os estudantes se dediquem as suas atividades escolares fora do horário escolar, assumem um caráter da personalidade do fracasso e da persistência.

5 A DIGNIDADE NO TRABALHO PELA ESCOLA E PERSPECTIVA DE DIGNIFICAR A VIDA: por isso estudo, mesmo com toda a dificuldade

Mesmo meio todas as dificuldades, os jovens continuam os estudos por acreditarem que por intermédio da escola eles possam alcançar uma ‘vida melhor’. A pesquisa nos sinaliza que 90% dos jovens pesquisados têm expectativas de ingressar no Ensino Superior, ter um emprego com uma melhor remuneração e uma melhor qualidade de vida.

O fato de fazer um curso superior é caracterizado como a possibilidade de ascensão social, a ‘oportunidade’ de ter um emprego melhor, uma melhor remuneração. Para além de uma melhor remuneração, estes jovens buscam no seguimento da vida escolar como uma forma de ‘orgulhar os pais’, pois como já ressaltamos aqui a maioria dos pais desses jovens participantes da pesquisa são analfabetos. Na busca de uma melhor condição de vida, uma melhor ascensão social, os jovens acreditam que através dos estudos podem conseguir, e por isso prolongar os anos de escolaridade. Para tanto, a escola se destaca como importante, pois é responsável por dar conhecimento, ensina a ler e escrever e é responsável por formar cidadão, foi o que a maioria dos entrevistados respondeu quando questionamos o que aprenderam na escola.

Embora os sujeitos da pesquisa acreditem que através de um curso superior eles possam ter uma vida melhor e ajudar seus familiares, mas, pelas experiências conflitivas e contraditórias geradas por uma sociedade do mercado, eles não acreditam que sejam capazes.

Essa relação explicita o papel silencioso da educação escolar como periférica na vida dos jovens - assalariados.

6 CONCLUSÃO

Aqui tratamos de discutir, problematizar, analisar, compreender e explicitar o dia-a-dia dos jovens estudantes-estudantes-assalariados, que estudam em uma instituição pública situada em um bairro popular da cidade de Sinop.

É oferecida uma educação falha, incapaz de atender a estas expectativas, como fica explícito no decorrer do texto. Estamos diante de uma escola dual, que oferece uma educação diferenciada, sendo uma para as classes dos donos dos meios de produção e outra para os trabalhadores. Contudo, mesmo diante da precarização da educação, estes jovens acreditam que através desta educação, eles possam conseguir um melhor emprego e ter um futuro melhor. Esses jovens estudam em período noturno pelo fato de precisarem trabalhar, 100% reponderam que precisam de dinheiro, para garantir a própria sobrevivência e de seus familiares, e por isso tem que trabalhar deste muito cedo.

Para concluir, não cabe uma afirmação, mas uma nova problematização: qual será o papel dessa juventude trabalhadora na transformação dessa escola, enquanto direito de no presente ter um 'futuro' e uma 'vida melhor'?

YOUTH BETWEEN THE SCHOOL AND THE LABOUR MARKET: the sweat of my work is the hindrance of my school formation

ABSTRACT¹

The research discusses about young student workers from nocturnal high school of a public school in Sinop - MT. It was drawn on qualitative research from the Marxism historical-dialectical perspective. Questionnaires were applied to fourteen youth by the age of 17-26 years, and of these, four were interviewed with a semi-structured interview. The reality investigated reveals more than difficulties in staying in school, it explains the silent role of a school which is reproductive of capital relations. The school becomes a mediator of the labor market, printing concurrence and competition to reduce costs with the youth workforce.

¹ Traduzido pela professora Ariane Macedo Melo (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

Keywords: Education. Youth. Work. Young. Marx.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Natália de Carvalho. **Inserção profissional e formas identitárias:** Percursos dos licenciados da universidade de Lisboa. Tese (Doutorado em Sociologia da Educação). Universidade de Lisboa. Lisboa, 2007.

BRITO, Maria Meirilene Lopes de. **Juventude, pobreza e trabalho:** desafios para o mundo contemporâneo. Dissertação (Mestrando em Políticas Públicas e Sociedade). Universidade do Estado do Ceará. Fortaleza, 2006.

CUNHA, Marion Machado. **O trabalho dos professores e a Universidade do Estado do Mato Grosso em Sinop / MT na década de 1990:** O seletivo do coletivo. Tese (Doutorado em educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

DIAMANTE. **Diamante:** depoimento. [fev. 2012]. Entrevistadora: Maria Luana de Medeiros Santos. Sinop, MT 2012. 1 MP4 sonoro (35 min 20 seg). Entrevista concedida para Trabalho de Conclusão de Curso sobre a juventude entre a escola o mercado de trabalho.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação como capital humano: uma teoria mantenedora do senso comum. *IN :A produtividade da escola improdutiva:* um (re) exame das relações entre educação e estrutura econômico – social e capitalismo. 3 ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados 1989. (coleção educação contemporânea).

_____. Juventude e Sociedade: Trabalho, educação, cultura e participação/organizadores Regina Novaes e Paulo Vannuchi- São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. O trabalho como princípio educativo no projeto de educação integral de trabalhadores. In: COSTA, H.; CONCEIÇÃO, M. (Org.). **Educação integral e sistema de reconhecimento e certificação educacional e profissional.** São Paulo: CUT, 2005.

HICKMANN, Inês Roseli. **Estudar ou/e Trabalhar:** Ser aluno / trabalhador é possível?. Dissertação (Mestrando em educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1992.

ESMERALDA. **ESMERALDA:** depoimento. [fev. 2012]. Entrevistadora: Maria Luana de Medeiros Santos. Sinop, MT 2012. 1 MP4 sonoro (39 min 52 seg). Entrevista concedida para Trabalho de Conclusão de Curso sobre a juventude entre a escola o mercado de trabalho.

KUENZER, Acácia Zenaide. Pedagogia da Fábrica. As relações de produção e a educação do trabalhador. 4º edição. São Paulo. Cortez, 1995.

MANACORDA, Mario Alighiero. A pedagogia marxiana frente às demais pedagogia. In: **Marx e a Pedagogia Moderna.** Tradução de Newton Ramos de Oliveira; revisão técnica de Paola Nosella; Prefácio de Dermeval Saviani. São Paulo: Cortez, 1991. Cap. IV, p.121 -123.

RUBI. **Rubi:** depoimento. [fev. 2012]. Entrevistadora: Maria Luana de Medeiros Santos. Sinop, MT 2012. 1 MP4 sonoro (40 min 20 seg). Entrevista concedida para Trabalho de Conclusão de Curso sobre a juventude entre a escola o mercado de trabalho.